

ALGYZARIA

n.3 edição especial
junho 2015

10

ANOS

grupo de pesquisa
comunicação e cultura:
barroco e mestiçagem

Algazarra: revista do grupo de pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem/
Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUCSP.
– n. 3 Edição especial (junho 2015). – São Paulo : PUC-SP.

Semestral
ISSN 2317-3971

Coordenação do programa
Eugênio Rondini Trivinho (Coord.)
José Luiz Aidar Prado (Vice-Coord.)

Coordenação geral do grupo/
Editor científico
Amálio Pinheiro

Editora executiva /capa
Sylvia Regina de Jesus Guimarães

Conselho editorial
Mila Goudet
Dirceu Martins Alves
Luís Fernando dos Reis Pereira

Preparação e revisão dos textos na edição
Abreu Paxé
Adriano Alves Fiore
Ana Cecília dos Santos
Cibele Kerr
Dirceu Alves
Hiran Moura Possas
Micheline Verunsck Pinto Machado
Mila Goudet
Orlando Garcia
Victor Marques

EDITORIAL/INTRODUÇÃO

O JORNAL E A CIDADE: O BARROCO ENVIESADO

Amálio Pinheiro

Esta edição da *Algazarra 3*, Revista do Grupo de Pesquisa “Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem” do Programa de Comunicação e Semiótica da PUCSP, está dedicada a mostrar parte das investigações resultantes de Projeto de Pesquisa, desenvolvido no período de 2012-2015, sob o título: *O Jornal e a Cidade: formas gráficas e visuais barroquizantes na imprensa atual brasileira*. O presente número comemora também os dez anos de existência do Grupo.

1

As formas gráfico-visuais de comunicação barroquizante na imprensa escrita atual de São Paulo decorrem da multiplicidade e variação das culturas lúdico-mestiças, que os periodistas, voluntária ou involuntariamente, de maneira episódica, esporádica ou canhestra, terminam por acolher. A multiplicidade e a variação derivam da contribuição das inúmeras culturas que para cá trouxeram, línguas, falas e imagens que se mesclaram às ameríndias, gerando um enorme e inacabado processo de trocas e traduções entre linguagens, gestos, lendas e mitologias. Tais processos nunca foram pacíficos: incluem intolerância, extermínio, conflito, diálogo e mestiçagem de formas e temas. Não se pode apenas repisar diferenças sem ressaltar os lugares de encontro. Foram os jornais o primeiro veículo de comunicação popular e massiva obrigado a se abastecer, mesmo contra a vontade dos próprios donos, das confluências entre o gráfico e o visual na diagramação espacial da página, dando concretude manual e visível, com periodicidade e exposição públicas, nas moradias e ao ar livre, ao conflito entre civilizações da língua escrita e civilizações do gesto falado, civilizações da razão de um sujeito centrado e civilizações do corpo que dança. Acrescente-se um fato importantíssimo: quando os dígitos da escrita aqui chegaram, os diversos saberes nativos mestiços já haviam desenvolvido múltiplos e elaborados conhecimentos da imagem e da voz (Lezama Lima, 1994). O espaço das páginas volta-se para os espaços das ruas, e vice-versa, fomentando modos de comunicação e leitura interno-externos.

Trata-se de uma investigação das conexões entre os sistemas gráfico-visuais do jornalismo impresso e as séries culturais da paisagem urbana, de que resultem estruturas barroquizantes de comunicação. Tal tarefa impõe uma atividade de tradução entre estruturas ou quase-estruturas, ou estruturas em formação, de sistemas de linguagem distintos e entre sistemas analógicos e digitais (as performances dos falares de rua e a escritura das colunas e seções; as paisagens urbano-naturais externas e as fotografias etc.). O termo barroquizante aqui, com seus tangenciamentos e rebatimentos, alude a um conceito móvel e em andamento, inacabado, já que as estruturas em questão não chegam a ser própria ou comumente barrocas ou, menos ainda, neobarrocas (conforme a conhecida designação de Severo Sarduy e Haroldo de Campos). Representam, isso sim, uma vasta

área desses barroquismos expandidos, dilatados ou saturados que se transfere para certas seções dos jornais.

Um dos objetivos específicos é basicamente analítico: averiguar, em cada seção, artigo, diagramação, foto ou coluna, micro e/ou macroestruturalmente, em que medida os procedimentos de construção em tela, sejam escriturais e/ou visuais, são praticados. Os formatos periodísticos intrometeram-se e enredaram-se (emprestaram seus códigos e linguagens) nos demais meios e artes. A equipe do Grupo de Pesquisa se distribuiu conforme as variadas configurações jornalístico-barroquizantes servem à investigação de cada pesquisador envolvido.

Somente uma pesquisa dos nexos entre os modos de construção barroquizantes do jornal e a formação dos ambientes urbano-culturais da América Latina (espaços, ritmos e códigos que fortalecem a hibridização de linguagens e materiais), no caso de São Paulo e similares, pode dar conta das modificações e diferenças que a partir do jornal impresso virão a ser reassimiladas por outros meios e processos de criação e de cultura. Isto inclusive levando-se em conta que tais formas se dão como filigrana de mediação pouco visível entre o jornal e a cidade, em virtude da predominância, nas mídias, das lógicas binárias advindas da ciência centro-ocidental, da linearidade histórico-progressiva e do estágio em curso do capitalismo internacional.

2

A malha reverberante da natureza nos objetos da cultura se prolonga naquela outra que matiza e dissemina, nos casos de maior fecundidade tradutória, os gêneros da fala e da escrita nas telas e nas páginas e imagens de livros e, no caso presente, dos jornais. Os textos tendem assim a um movimento que recupera a andadura aos saltos, serpenteante, das linguagens da paisagem urbana. As conjunções sintáticas dos fluxos das cidades, suas tessituras e combinatórias, são recuperadas também pelos procedimentos de certas formas gráficas e visuais dos periódicos diários. Não se trata de uma transferência binário-digital, ponto por ponto, nem apenas temático-conteudística (a mera menção vocabular às “novas” terminologias urbanas), mas de mediação analógico-relacional, em que as imagens, sons e ritmos do ambiente citadino (ou seja, determinados jogos entre natureza e cultura, por exemplo, entre fala de rua e letra, movimentos da luz e aliteraões silábicas) se redesenham, por mediação tradutória, nas páginas de uma tela, livro, jornal, submetendo-se assim o relato narrativo, que tende ao ramerrão de sentenças rotineiras oficiais coaguladas pelo binarismo das oposições, às dilatações e intensidades das séries da paisagem, em certa medida e em certos casos. Por isso o que importa, nesta tradução entre a cidade e a página jornalística, é o transporte que preserva, tensionadas, entre a paisagem urbana e a escritura periodística, “certas relações funcionais internas, e não apenas, ou mesmo principalmente, certas continuidades temáticas ou históricas” (Viveiros de Castro, 2002: 490). Esta é uma hipótese norteadora da investigação, que fundamenta o seu caráter relacional; sua, arrisquemos, morfose tradutória. Nesse sentido, os jornais, pela sua dobrável maleabilidade, são uma resistência material possível às velocidades e flexibilizações telemáticas, pois, ao invés da fragmentação desmobilizada, incrusta o múltiplo da cidade em cada página, em mosaicos de continuidade possíveis, a partir de agentes tradutórios coletivos.

Propõe-se um mapeamento do possível uso das estratégias de linguagem barrocas nos jornais paulistanos e similares brasileiros, compulsados durante o próprio tempo de duração da pesquisa.

A questão central já pode assim ser formulada previamente: a produção gráfica e visual dos periódicos, malgrado o comprometimento ideológico dos jornais com os poderes dominantes e, mais que isso, com as oposições dicotômicas (que paralisam a posição dos dominados na disputa pelo acesso ao mesmo poder), pode se configurar como um espaço onde as mestiçagens lúdico-barroquizantes das culturas da América Latina apontam para um caminho não historicista e portanto, fora do desenvolvimentismo linear proposto pelos sistemas de poder das sociedades do chamado hemisfério Norte.

3

Alguns dos pressupostos e desdobramentos da presente pesquisa foram adiantados em livro, editado pela Intermeios, em outubro de 2013, intitulado *América Latina: barroco, cidade, jornal*. Resume-se a seguir, com acréscimos, modificações e adaptações, um pequeno trecho fundante do eixo temático e teórico em discussão.

Os estudos teóricos e análises concretas sobre as culturas e seus textos se complicam quando se trata de regiões ou processos civilizatórios (Península Ibérica, América Latina, Caribe) onde não vigora o conceito progressivo e linear de sucessão, esta que tornaria qualquer produto uma variante hierarquicamente determinada pela suposta influência de algo anterior e pretensamente mais acabado. Não cabe, nesses casos de história e geografia fora de lugar, descentradas ou deslocadas, a separação entre culturas ideal e espiritualmente mais unas e outras em desordem, como se a unidade fosse um fim a ser inevitavelmente seguido, e não apenas uma construção filosófica e política de certas sociedades centro-ocidentais do chamado hemisfério norte. Impossível enfileirar dentro das propostas de desenvolvimento e organização macrossociais derivados dos “saberes científicos modernos” (com destaque às suas últimas versões combinadas com o capitalismo em curso), as culturas que privilegiaram, antes, durante e depois dos processos coloniais, as interações entre a multiplicidade, a variação e os arabescos miniaturais, em diversas camadas, ativas estas pela mútua pertença entre natureza e cultura. Deste fundamento decorrem certas quase-estruturas arbusculares (que se movem por sintaxe colateral com o alheio externo) inexplicáveis pelas categorias conceituais da identidade, oposição ou síntese, posto que as ramificações proliferantes do miúdo incluso que varia, esse devir-outro-mirim, em marchetaria cromática, sonora ou gráfica, no reino dos objetos, não se deixa entender pelo ideário dos sujeitos localizados política, social e economicamente nem pelo sobrevoo das teorias panorâmicas ou generalizantes.

Os materiais da natureza são uma força tectônica de base, nunca um dado anterior, para a vertiginosa inclusão das variedades da cultura. Para dar conta dessa aglomeração de variantes divergente-multiplicantes embutidas, nada mais apto que a atividade não-ortogonal do barroco, com a sua, entre muitos outros procedimentos, “frase sintaticamente incorreta à força de se sobrecarregar de elementos alógenos” (Sarduy, 1989: 97). Somente essa dificuldade, provinda de formas enroscadas entre cultismos e repertórios populares, permite ao escrito se desensimesmar do seu nível de coerência sistêmica e

entrar por dentro do outro (e vice-versa). Por se situar em movimento de palimpsesto entre as camadas dos objetos da cultura e da natureza, tornando-os não-discretos, o barroco desdobra um devir de formas de multiplicidade assimétrica que não se explicam pela noção de estrutura dos estruturalismos de plantão. O mútuo pertencimento entre o externo e o interno implica um conceito de estrutura como conjunto não autônomo, em que se privilegia a continuidade relacional e não as molduras unitárias isoláveis. É necessário preservar a noção de um *continuum* que abriga em arabesco o fragmento assimétrico e a multiplicidade mutuamente implicada da natureza/cultura.

Não se pode pensar o jornal, no Brasil, por exemplo, sem passar pelas histórias das interações natureza/cultura do cotidiano (visual, oral, corpóreo-táctil), performances urbano-espaciais, folhetim e similares, rádio, teatros de revista, cinema, e muito mais. Daí que “a interconexão de todos os elementos do espaço semiótico não é metáfora, mas sim realidade” (Lótman, 1996: 35). A aceleração dos dispositivos tradutórios inscritos nos mecanismos produtivos das culturas plurais intensifica reticularmente o pendor para a incorporação material do alheio. Tal incorporação só pode ser percebida, na maior parte das vezes, nas junturas ou dobradiças em que as partículas são transferidas intersticialmente de umas linguagens para outras, onde se desenha esse entre mestiço de formas em devir. O que aí toma corpo são pequenas diferenciações transversas de tom ou ritmo e não oposições entre marcadas diferenças.

A infixidez das fronteiras entre centro e periferias (entre nós o centro vai virando periferia, como uma espécie de margem atrasada e recalitrante) propiciou uma mobilidade de mosaicos em trânsito aos espaços e textos, anterior e juntamente aos variados e irregulares processos de “modernização”. Tais interações já são outra coisa, estão aquém e além de um processo de “modernização”. Essa **outra coisa** é o mais difícil, porque embute um trajeto esconso entre o conhecido e o desconhecido, o familiar e o estranho, cultura e natureza. As noções de fragmento/continuidade, simultaneidade, brevidade, instabilidade, tão caras à chamada modernidade, já estavam sendo tecidas no âmbito das culturas urbano-nativas latino-americanas. Daí a facilidade com que autores como José Martí e Machado de Assis já mobilizavam, bem antes das ditas vanguardas, a interação entre formas urbanas, formas jornalísticas e processos criativos: “A crônica começa a ocupar um espaço próprio e, como os modernistas, adota uma das especificidades da literatura hispano-americana: a apropriação eclética de campos culturais e gêneros díspares”. (Rotker, 1993: 28)

Não podemos, portanto, perder de vista, ao analisarmos os textos e os seus ambientes, essa necessária e difícil vinculação entre, de um lado, o ideário “contemporâneo” superficial das cidades (aquilo que aparece divulgado pelos meios a partir de narrativas lineares via seus aparatos tecnológicos) e, de outro, uma capacidade de assimilação do heterogêneo inscrita de modo germinativo, desde as primeiras províncias, nos processos micro e macroestruturais, ponhamos, fractal-metonímicos. Desdobram-se, aquém das obras autorais (de protagonismo pretensamente apenas individual), situações e atividades criativas de bairro a bairro, com as mais complexas permutas entre códigos, linguagens e séries, a partir de uma habilidade e oportunidade sintáticas dadas pelo caráter mestiço, migrante e externo-solar destas sociedades. Sociedades, por isso mesmo, muito difíceis de serem descritas: as culturas envolvidas não tiveram tempo de isoladamente se

interpretarem; foram obrigadas, dadas as aglomerações de alteridades, a se reinventar diretamente nas práticas e conflitos. Porém, o que temos de ressaltar nesse trabalho microscópico de assimilação de alteridades em cadeia contígua é a primazia de uma objetosfera, o protagonismo da natureza e a supremacia do coletivo anônimo. São formas de conhecimento em que as vozes dos sujeitos se perdem (no coro da mata, da urbe) ou ajudam a compor o vozerio circundante. Tal vozerio pode transferir-se, através de processos tradutórios coletivos, para as páginas dos jornais.

4

Numa pequena notícia de pé de página, intitulada *Em Belém, Arthur Espíndola cria o “samba amazônico”* (“O samba fora do eixo”, O Estado de S. Paulo, Caderno 2, 05/11/2014, p.5), o articulista Julio María revela como Espíndola, a partir de uma sorte de autoria anônima e coletiva, trazida da mescla elaboradíssima de materiais, instrumentos, ritmos e ambientes, compôs seu novo disco *Tá Falado*: “Fazemos aqui o samba com carimbó (...) A percussão do tantã é substituída pelo artesanal curimbó, assim como o reco-reco sai para entrar o maracá. O banjo do curimbó também é uma atração à parte. Só conhecido na região, tem seu corpo feito com frigideira e suas cordas produzidas com linhas de pesca. O braço é de um tronco de árvore e a caixa, revestida com couro. A caixa de marabaixo, ritmo muito usado na vizinha Macapá, Amapá, também tem espaço (...) As células rítmicas do samba foram estudadas para que pudessem ser combinadas com frações de batidas do carimbó e do boi-bumbá (...) A gente chega à conclusão de que são ritmos primos”. Assim, acrescente-se, o corpo barroquizado pelas necessárias conjunções sintáticas (jamais fusões ou apenas adições e aproximações) passa a se flexionar (o termo melhor é mesmo requebrar) nesse lugar entre materiais (linha de pesca, tronco de árvore), gêneros musicais (samba, carimbó, boi-bumbá), instrumentos e paisagens urbanas. Repare-se na fala de Espíndola sobre o trabalho metucioso e miniaturol com “as células rítmicas do samba” e seus enxertos “com frações de batidas do carimbó e do boi-bumbá”. É aí que se dá a *liga* do que é mestiço e aí estão as propriedades e participações de todos os outros. Multiplicidades e variações inclusas a partir de filigranas rítmicovocodançantes. A notícia realça elementos epidérmicos de afeto gráfico-solares. Não cabe neste espaço avançar mais. Parece inútil dizer: isto vale não só para os sistemas sonoros, mas para os visuais, cromáticos, gráficos etc. em todas as combinações, arabescos e montagens tradutórias interespecíficas. Que um noticiário jornalístico poderia destacar mais e bastante.

5

Os textos em seguida alinhados representam um painel de interações, em maior ou menor grau, entre linguagens gráfico-narrativas e gráfico-visuais, tiradas das inúmeras seções que compõem os periódicos. Tal movimento expõe também o aproveitamento que o jornalismo faz, no seu viés mestiço-barroquizante, das séries externas ao próprio jornal (cinema, fotografia, literatura, música, tv etc.), obrigando a leituras de tradução interno-externas, por uma espécie de projeção rotatória dentro-fora, que vão dos periódicos às séries vizinhas e aos demais códigos e formas da paisagem cultural (Tinianov, 1968).

Optou-se, em fidelidade ao vaivém entre as séries, por separar os 10 artigos em dois capítulos: um primeiro em que se evidenciam as imagens visuais e um segundo

em que se acentuam elementos gráfico-narrativos.

A primeira parte poderia ser intitulada “Da cidade ao jornal”. **Micheline Verunsck Pinto Machado** desenvolve, a partir da canonização popular em jornal do Recife, os nexos entre reportagens sobre a violência de gênero e as narrativas jornalístico-folhetinescas. **Cibele Kerr** trata, no “Estadão”, das histórias e festas barrocas que se cruzam, no trajeto da Estrada Real Diamantina-Paraty. **Hiran Moura Possas**, enfocando as bordas da cidade, discorre sobre folhetins e tabloides barrocos nessas Amazônias urbanas. **Victor Marques** parte do *fait-divers* para apresentar a mestiçagem mediática e os barroquismos em jornais da América Latina.

A segunda parte chama-se, portanto, “Do jornal à cidade”. **Ana Cecília dos Santos** indica os nexos entre conhecimento e mestiçagem no cinema e nos jornais e blogs cuiabanos. **Adriano Alves Fiore**, valendo-se da carnavalização em Bakhtin, vincula o rock pesado às formas grotescas na “grande mídia”. **Orlando Garcia** explora a visualidade barroca como condição de resistência na imprensa paulistana. **Mila Goudet** desdobra, em Cadernos da “Folha de São Paulo”, o trajeto tradutório, aberto pelo riso, pela complexidade e pelo barroco, entre as ruas e os jornais. **Dirceu Alves** analisa, na trilha de uma “desbarroquização dos jornais”, a lógica das imagens na cenografia barroca da imprensa paulista, com os exemplos do “Estadão” e da “Folha de S. Paulo”. **Abreu Paxé** examina os desdobramentos das imagens e dos textos com ênfase nas traduções internas/externas das palavras às imagens e aos espaços virtuais.

Junho de 2015

Referências

- LEZAMA LIMA, José. *La visualidad infinita*. Havana: Letras Cubanas, 1994.
LOTMAN, Iuri. *La Semiosfera I, II e III*. Madri: Cátedra, 1996.
SARDUY, Severo. *Barroco*. Lisboa: Vega/Universidade, 1987.
TINIANOV, Iuri. *Avanguardia e tradizione*. Bari: Dedalo Libri, 1968.
VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosacnaify, 2002.